

Um Céu Demasiado Azul

Francisco José Viegas

OLHOU MAIS UMA VEZ PARA O CORPO DEITADO SOBRE A MESA, sabendo que seria a última — mas pressentindo que aquelas imagens voltariam até que o pesadelo acabasse, o que demoraria muito tempo. Tanto tempo que, quando chegasse esse dia, não se lembraria de quando tudo começara e ele fora chamado a olhar aquele mesmo corpo que, na altura, estava vestido e depositado no porta-bagagens de um carro abandonado junto do rio.

Agora, o corpo era-lhe quase indiferente e, embora não fizesse parte do seu trabalho dedicar-se a analisar os cadáveres armazenados para observação, quis voltar à sala da morgue para uma derradeira visita antes de ser entregue aos cuidados de quem o requisitasse. Já tomara nota de tudo o que lhe interessava: de quem viera reconhecer o que restava do corpo e dos dados fundamentais do relatório médico elaborado ao fim do dia. Relembrou a lista de objetos pessoais encontrados nas algibeiras. Sentou-se num banco de assento de inox junto da mesa, depois de puxar o lençol amarrotado e de o estender de novo sobre todo o corpo, para que o cadáver fosse devolvido a uma certa intimidade — a do morto consigo próprio, como se

estivesse autorizado, finalmente, a um monólogo silencioso que só os dois escutariam. O morto escutaria tudo. Ele ouviria, sim, mas não saberia decifrar aquela linguagem, as palavras dos mortos, inacessíveis e estranhas como um eco que não era incómodo, nem indiferente, nem agradável. Seriam, simplesmente, palavras desconhecidas, e ficariam desconhecidas para sempre, mesmo que se debruçasse ainda mais para o corpo sem vida a fim de escutar melhor as frases, se o outro as dissesse, como se o outro as dissesse, fosse em que altura fosse, e ele estaria lá para escutá-las, tanto mais que isso facilitaria as coisas.

Mas um morto mantém-se naquela rigorosa obstinação de ficar mudo, silencioso, preso à sua rigidez, à sua mudez, ao seu silêncio.

Sentado, Jaime Ramos tirou um charuto do bolso interior do blusão e deitou fora a capa de celofane. Não o acendeu nem o passou pelos dedos, nem o observou como costumava fazer sempre que se decidia a fumar um charuto. Mordeu-lhe apenas a ponta para se certificar de que pelo menos o charuto não tinha aquele cheiro indefinido e agriçoce que se respirava entre as paredes de azulejo branco da sala, mas não soube distinguir o aroma do charuto do cheiro da sala que aos poucos lhe parecia vir de todos os recantos, de todas as prateleiras, de todos os instrumentos dispostos sobre as bancadas onde os materiais, de um inox fosco e já gasto por muito uso, lhe sugeriam a entrada num outro mundo onde os seus dedos, que seguravam o charuto, já não entrariam senão como um outro material anónimo, impensável naquele momento, salvo se olhasse para os dedos do morto, sob o lençol, e confirmasse a

sua cor cinzenta e azulada, fria como uma manhã de novembro. O resto, ele sabia. Sabia como tudo se tinha passado até aquele corpo encontrar a morte, embora isso não fosse o mais importante, neste caso, porque o período entre a morte do homem e o momento em que o seu cadáver foi encontrado, dobrado sobre si mesmo, era muito mais silencioso do que o silêncio deste morto.

Era um dia entregue ao desconhecido. Um dia indecifrável. O que faz um morto durante um dia?, perguntou ele. Nada. Quase nada. Limita-se a estar morto ou a morrer mais, a morrer profundamente, a ser procurado pelos vivos. Mas a este ninguém o procurara naquele estado deram-no como desaparecido, isso sim, apenas desaparecido, mas vivo, com uma idade certa, um tipo sanguíneo registrado num cartão esverdeado, uma morada, um nome. Jaime Ramos não saberia dizer, à primeira vista, se um e outro eram o mesmo, mas suspeitava de que entre as duas identidades teria de haver uma distância maior do que aquela que separa o mundo dos vivos do mundo dos mortos, embora àquela hora da noite o mundo dos mortos se aproxime terrivelmente do mundo dos vivos, porque a escuridão chama-os como o meio-dia chama as cigarras no campo, se é verão pleno e o céu está azul, tão azul que o seu contraste com a cor das serras magoa alguma coisa. Rolou o charuto outra vez entre os dedos, como se aproveitasse da vida o que lhe restava no volume discreto de tabaco que guardava no bolso interior do blusão, mas o que olhava era outro volume, o que se conservava deitado sob o lençol branco, naquela sala que resistia ao calor da noite. Sabia que aquele homem, cinco dias antes, chegara a uma cidade do interior, alojara-se no melhor hotel,

uma torre de onde se via o que é normal ver-se numa cidade do interior — o castelo local, se o há, os telhados das casas, o trânsito fugaz que se limita a passar nas ruas principais, o final da primavera, quando as manhãs rebentam como clarões dispostos a revelar um céu azul e jovem.

FOI EXATAMENTE NA ALTURA EM QUE ROSA COMEÇOU A SUA DIETA. Jaime Ramos não estranhou, como se a esperasse. E a verdade é que não pestanejou nem riu quando, ao entrar na cozinha do apartamento da sua vizinha do segundo andar e, para todos os efeitos, sua companhia habitual na cama do apartamento do primeiro andar, reparou nos frascos que indicavam que a decisão de Rosa estava tomada e teria sequência.

Não disse nada. Sentou-se à mesa da cozinha, olhou para a mulher com quem, durante os últimos três anos, mantivera uma relação semioficial, quase íntima — mesmo para além do facto de dormirem juntos algumas vezes —, como se fosse mesmo apaziguadora, e notou o volume suave e succulento das pernas que uma saia curta mostrava, já no tom moreno e trabalhado pelo sol, o rosto que várias vezes vira acordar ao seu lado, em camas várias, a maior parte das vezes na sua própria cama, que rangia. E reparou que o tempo também passara nesses três anos, desde que começaram a partilhar fins de semana, visitas a restaurantes e umas férias nos Açores. Neste verão Jaime Ramos acedera, depois de um ano em que se

recordava de algumas conversas ocasionais de Rosa sobre o assunto, a passar umas férias em Cuba.

«Coisa rápida. Não estou para nostalgias» dissera ele na noite em que, à mesa do restaurante, depois de jantar, Rosa lhe mostrou os folhetos das agências de viagem.

«Nostalgia?»

«Sim. O comunismo, Fidel, Che, a lista toda. Não estou para nostalgias. Uma visita rápida, praia, rum, charutos. Mas muito mais do que isso, não.»

Caraíbas, mar azul e brilhante, o recorte fino da copa das palmeiras numa praia quase deserta, refrescos de fruta servidos por mulatas que falam espanhol.

«Há a música. Podemos dançar todas as noites.»

«E vestirmos camisas brancas e ficarmos queimados do sol, o costume, vem em todos os filmes. Quanto custa isso tudo?»

Rosa disse um número, e Jaime Ramos pensou que teria de abdicar de um novo frigorífico com congelador a acrescentar ao seu património doméstico. O velho frigorífico servia, e a cama aguentaria mais um ano, embora pudesse mudar o colchão. E a pintura da casa também poderia aguardar o outono, tal como o seu banco, onde ele esperava entrar numa manhã próxima e anunciar que ficara cativado por um desses depósitos de juros generosos. Pensou mesmo em alugar uma casa para férias e fins de semana, numa praia do Minho. Não que fosse homem de praia, mas gostava de fins de semana longe do Porto, só para se obrigar a pensar que estava longe do Porto e que voltaria à tranquilidade da sua rua, a Barão de Nova Sintra, ao ruído longínquo e familiar dos comboios em Campanhã, às mesas de fórmica da pastelaria de esquina. Portanto,

não faria nada disso — iria a Cuba, compraria charutos, dormiria sextas toda a tarde, compraria mais charutos, e ouviria os resmungos de Rosa.

Depois, as semanas passaram-se com facilidade, umas sobre as outras. As noites pareceram-lhe estarem a ficar mais quentes e pequenas e a varanda de casa, que dava para um pátio pequeno e alegre de chão de tijoleira encarnada, nas traseiras, a precisar de mais cuidados: os vasos de sardinheiras podiam ser limpos, a terra dos manjericos talvez devesse ser adubada, a trepadeira que ocupava uma parede inteira podia ser aparada com cuidado, e a mesa de ferro forjado podia abandonar a sua condição de ferro enferrujado e ser pintada de branco, ou talvez mesmo de azul, e os craveiros ajeitados e limpos de ramos velhos. Num sábado. Num fim de semana. Numa tarde de sol, silenciosa e morna. Tiraria os cortinados que mandaria limpar a seco, esvaziaria os armários da cozinha de garrafas velhas e algumas seriam devolvidas na mercearia da rua, arrumaria os discos numa ordem que ele reconhecesse, e faria os concertos que as torneiras da casa de banho exigiam. Um sábado. E, depois, ao fim da tarde, sentar-se-ia na sua cadeira de lona amarela, numa varanda a cheirar a água morna, a cravos e manjerico, poderia beber uma cerveja recompensando-se a si próprio por um trabalho doméstico a que se furtara durante anos e talvez folheasse as páginas de um jornal com a altivez de quem não precisa de saber como vive o resto do mundo. De resto, há já algum tempo que quase desistira de comprar jornais e de acompanhar o mundo inteiro.

Passaram-se mais noites, umas solitárias, em frente a um aparelho de televisão geralmente mudo, outras em casa de

Rosa, ocupadas com partidas de cartas e dois copos que se iam enchendo e esvaziando lentamente, outras ainda em sua casa mas com Rosa a queixar-se dos ruídos da cama, e algumas outras a trabalhar, sentado à sua secretária, num gabinete estreito, fumando e escrevendo relatórios, lendo relatórios, aguardando um telefonema, fazendo telefonemas — ou não fazendo nada disso, mas o que as coisas exigiam que um polícia como ele fizesse. Cuidar de mortos, perseguir os vivos. Mas, à medida que as noites se sucediam umas às outras, encurtando aquele período de suposta serenidade que o sono oferece, Jaime Ramos pensava que se aproximavam as férias, que teria de viajar, e que, além do mais, um ano se tinha acrescentado à soma dos de que até então dispusera. Outras noites se passaram sem que ele pudesse recordá-las mais tarde — noites demasiado banais, em que adormecia cedo, noites em que uma chuva miúda esvaziava as ruas do Porto, noites em que o céu dependurado sobre a sua rua lhe era indiferente, e mesmo noites em que, deitado no sofá da sala, imaginava como poderia ser de facto o céu da sua rua, se alguma vez lhe prestasse alguma atenção.

Um dia decidiu-se. Os trabalhos começaram a meio da manhã e acabaram às cinco, sem intervalo para almoço, o que compensaria mais tarde, ao jantar. Dobrou os cortinados e meteu-os num saco que levaria depois para a lavandaria, limpou meticulosamente todos os armários da cozinha, deu ordem a frascos, caixas, pratos desirmanados, gavetas com panos e com talheres, limpou o vidro dos quadros que pendurara na cozinha por curiosidade, quando viera para esta casa depois de um divórcio sem história e de um casamento que a teve em

excesso. E lavou com competência o chão da varanda, usando um canivete e uma tesoura de poda para, antes, rearranjar as plantas dos vasos e a trepadeira. Deitou fora jornais, papéis soltos, revistas e mesmo um par de livros que lhe tinham oferecido e que ele jurara não ler nunca, livrando-se assim da tentação de os folhear durante um serão solitário. Depois de levar três grandes sacos de plástico negro para o contentor de lixo, na rua, tomou um duche e preparou aquilo que decidira que ia ser a sua recompensa — abriu de facto a cadeira de lona amarela na varanda e trouxe uma garrafa de sua cerveja preferida, uma Dos Equis mexicana, parte de uma prenda que Jorge Alonso, o dono de um bar irlandês na Foz, lhe oferecera — uma dúzia — no início da primavera. Abriu-a e contemplou por instantes o líquido através do vidro escuro, antes de a servir para um copo, porque sabia que beber uma cerveja é um risco sem cálculo, um atrevimento e uma afronta — é necessário pensar, antes, numa tradição de fazer a cerveja, de apurar a sua fermentação, de imaginar o tempo exato de frio a que a bebida deve ser submetida antes de ser servida. E sabia como isso era raro. E também como isso lhe abria o apetite, despertando nele uma tentação e uma perturbação, simultaneamente, obra de vontade e de obediência, como se a vontade de comer se juntasse ao desejo de submeter-se aos sabores imaginados antes de preparar o estômago, e essa era, de facto, a mais nobre de quase todas as atividades humanas ligadas à sobrevivência, transformando uma necessidade num momento de prazer e de contenção, evitando a exuberância dos ingredientes e a angústia da dependência animal do ato de comer. Por isso lhe era repugnante a exagerada elegância de alguns restaurantes que nasciam um

pouco por toda a parte, onde cada prato era o produto de uma insatisfação e do medo do prazer que um homem tem ao saciar a fome e tornar-se um artista, fruindo cada sabor e cada ligação. Por isso, a Dos Equis podia servir-lhe para meditar sobre o assunto, o que recusou num último gole, levantando-se e reparando que a casa ficara com outro aspeto.

Foi então que subiu ao apartamento de Rosa, tentando companhia para um jantar — e foi também nessa altura que viu os frascos contendo comprimidos, aditivos para leite e substitutos dietéticos para refeições, alinhados sobre a bancada da cozinha, meticulosamente dispostos e prontos para utilização. Não disse nada. Sentou-se apenas, como se, de repente, uma fadiga insuspeita o invadissem, ressentindo-se do esforço de subir os três lances de escadas que separavam um andar do outro, ou do de confirmar que aqueles frascos estavam mesmo na cozinha de Rosa.

«Podíamos sair» começou.

«Não para jantar.»

«Maldisposta?»

«Dieta» esclareceu ela, folheando a mesma revista com que o recebera à porta. «Só vou tomar uma refeição por dia, o resto são uns batidos que se fazem com uns pós.»

«Uns pós?»

«Uma espécie de batidos de fruta, mas sem fruta. Começo hoje.»

«Começas na segunda-feira, é o primeiro dia da semana.»

«Não. Começo hoje. E a única refeição que tomo é o pequeno-almoço. Fruta, corn flakes, um ovo cozido. Mas podemos sair, claro. Cinema.»

«Cinema ao sábado, não. Está tudo cheio. É isto a tua dieta?»

Jaime Ramos apontava para os frascos que Rosa tinha arrumado sobre a bancada da cozinha, impecavelmente limpa e onde não havia sinal de pó, de migalhas abandonadas ou de uma presença que lhe despertasse a atenção, salvo a limpeza exigente de um tampo de mármore.

«Um dinheirão» disse ela. «Mais do que custaria jantar fora todos os dias durante um mês. Não num bom restaurante, claro, mas num restaurante daqui da zona. E só dão para dez dias, segundo as minhas contas. Batido ao almoço, batido ao jantar, comprimidos para estabilizar o peso. Normalizar.»

«Normalizar?»

«É como eles dizem. Mas sempre é melhor isto que um lifting.»

«Lifting?»

«Ou uma lipoaspiração. És aberto, metem-te uns tubos muito finos e tiram-te a gordura, tratam-te da pele, cuidam das formas. Também pensei nisso, mas era caro. Bom, é uma operação. Ligeira, mas é uma operação. Emagreces sem trabalho nenhum.»

Jaime Ramos olhou com desalento para os frascos e, depois, para Rosa. Desde há dois meses que ela falava de uma dieta como preparação para a temporada de praia. Um corpo deve expor-se ao sol, estava certo, mas nada diz que um corpo devia ser um objeto igual ao que vemos nas fotografias de moda. Foi então que pensou, com nostalgia, nas coxas arredondadas de Rosa, no volume daquele corpo como gostava que ele fosse, onde a marca das imperfeições o cativava e surpreendia. Teve receio de que isso se perdesse e tentou mais uma vez:

«Podes começar a dieta na segunda-feira. Ou nunca. Estás bem assim como és.»

«Precisamos de cuidar do corpo. E decidi que era hoje.»

Era verdade. Precisamos de cuidar do corpo, de o sujeitar a privações, como um pai severo disciplina os filhos rebeldes. Mas ele seria um pai sem filhos.

«Tinha pensado num jantar para hoje» disse então, com alguma irritação, mas tentando uma última vez. «Jantar e festa, bebíamos dois copos, amanhã se vê. Não é que goste do meu corpo, mas não o vou entregar a ninguém para que o emagreça. Nem tu devias fazer isso.»

«Tu também devias fazer dieta» continuou ela, como se Jaime Ramos não tivesse falado. «Emagrecias um bocado e estavas pronto para as férias. Depois sim, comíamos à vontade e descansávamos.»

«Estou sempre pronto para as férias e descanso quando quero. E não devia fazer dieta, penso eu.»

Pareceu-lhe ser essa a última coisa que disse antes de regressar à sua varanda, onde a luz da tarde se preparava para desaparecer, escondendo as operações de limpeza que o tinham ocupado durante o dia. Mas a sensação mais séria era a de que tudo isso fora já há muito tempo e que agora apenas se limitava a viver um episódio que terminava com o próprio dia, escurecendo na sua memória como a tarde que esconde a luz para passar a revelar os ruídos da noite.